



LOBO ANTUNES

Homenagem em França

Pág. 3

**‘História
policia’
vence
Prémio
Luso-
-Brasileiro
de
Dramaturgia
‘António
José
da Silva’**

Pág. 4



**Retrato
desconhecido
de
D. Sebastião
numa
exposição
em Zurique**

Pág. 2

> CURTAS <

Seminário sobre ação cultural externa

Um ação de formação para responsáveis culturais junto de embaixadas teve lugar a 5 de janeiro, em Lisboa, organizada conjuntamente pelo Instituto Camões (IC) e pelo Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (GPEARI) do Ministério da Cultura, ao abrigo do protocolo de cooperação institucional assinado em novembro entre as duas instituições.

Os trabalhos do seminário, com o tema 'Ação Cultural Externa Portuguesa', foram abertos por uma intervenção da Presidente do IC, Ana Paula Laborinho, que abordou o tópico *Propósitos e orientações da ação cultural externa*, a que se seguiu uma preleção da Diretora-geral do GPEARI, Joana Gomes Cardoso, relativa às prioridades e estratégias da internacionalização da cultura portuguesa, abrindo-se em seguida um período de debate.

Curso a distância sobre Acordo Ortográfico

A 'Nova Norma Ortográfica da Língua Portuguesa', vulgo Acordo Ortográfico, é desde segunda-feira desta semana objeto de um curso a distância certificado, ministrado na plataforma do Centro Virtual Camões em colaboração com a Universidade Aberta e destinado a docentes de português do ensino básico.

Esta «ação de formação e atualização», que decorrerá até 18 de março e abrange cerca de 200 professores, «visa uma abordagem pragmática das questões decorrentes da aplicação do AOLP [Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa] de 1991, ratificado em 2008 pela Assembleia da República. Pretende ainda «fornecer» aos que frequentam o curso a «explicação política, histórica e linguística» que subjaz ao AOLP.

Aos formandos com aproveitamento serão atribuídos dois créditos ECTS (Sistema Europeu de Acumulação e Transferência de Créditos).

Novas edições deste curso a distância, atualmente ministrado por Isabel Seara e Isabel Falé, duas docentes da Universidade Aberta, deverão ter lugar ainda no decurso de 2011.

Recorde-se que o Governo português aprovou, a 9 de dezembro, uma resolução que determina a aplicação do AOLP no sistema educativo no ano letivo de 2011/2012 e na administração pública a partir de 1 janeiro de 2012. A resolução também adotou o vocabulário ortográfico do português disponível no site www.portaldalinguaportuguesa.org.

Prémio Giovanni Pontiero

Até 28 de fevereiro está aberto o período de receção das obras concorrentes à edição de 2011 do Prémio de Tradução Literária 'Giovanni Pontiero', organizado anualmente pelo Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões (IC) de Barcelona e pela Facultat de Traducció i d'Interpretació da Universitat Autònoma de Barcelona.

A XI edição do Prémio 'Giovanni Pontiero', no ano ímpar de 2011, é destinada às traduções para catalão de obras literárias de qualquer género escritas originalmente em língua portuguesa, publicadas nos dois últimos anos, isto é, entre 1 de janeiro de 2009 e 31 de dezembro de 2010. Nos anos pares, o prémio é aberto nas mesmas condições às traduções espanholas de obras literárias. É constituído por um montante pecuniário de 6 mil euros.

Em 2010 foi atribuído ao poeta, tradutor e crítico literário espanhol Carlos Clementson pela seleção, estudo e tradução da antologia de poesia *Alma Minha Gentil*, a primeira antologia geral de poesia portuguesa em edição bilingue português/espanhol.

Concurso lusófono do conto infantil

Até 25 de março está aberto o período de receção de trabalhos concorrentes à edição de 2011 do Concurso Lusófono da Trofa - Conto Infantil Prémio 'Matilde Rosa Araújo', organizado pela Câmara Municipal da Trofa com o apoio do Instituto Camões.

Em 2010, *Amilcar, Consertador de Búzios Calados*, do tenor Mário Alves, foi, entre os 450 contos concorrentes, o texto vencedor do Prémio Matilde Rosa Araújo, o primeiro que foi tornado extensivo aos países de língua portuguesa, através de uma parceria com o IC.

Tal como no ano passado, os centros culturais portugueses e as suas extensões nos países de língua portuguesa - Luanda, Brasília, Praia, Mindelo, Bissau, Maputo, Beira, São Tomé, Príncipe e Díli - receberão nas suas áreas os trabalhos concorrentes, que depois são encaminhados para um júri de pré-seleção do município da Trofa.

**Exposição no Museu Rietberg
Retrato desconhecido de D. Sebastião**



Retrato de D. Sebastião Pintura de Alonso Sánchez Coello, Lisboa (1562), óleo sobre tela

A coleção da rainha Catarina da Áustria (1507-1578), da família imperial dos Habsburgos e mulher do rei português D. João III, é o foco central da exposição de objetos de marfim do Ceilão (atual Sri Lanka) do século XVI e de outros artigos de luxo no período da Renascença, que está patente até 13 de março no Museu Rietberg, pertencente à municipalidade de Zurique, na Suíça.

A exposição, inaugurada em novembro e que tem o apoio do Instituto Camões, mostra também outros objetos importantes da coleção da 'câmara de artes e curiosidades' da irmã do imperador Carlos V, como armas e joias, mas em particular apresenta o que os organizadores da exposição, que tem curadoria de Annemarie Jordan, descrevem como a «exibição notável» de retratos de reis portugueses e dos sobrinhos e filhos da rainha portuguesa (entre 1525 e 1578).

O destaque vai para um inédito retrato do jovem príncipe D. Sebastião, neto de Catarina de Áustria e de D. João III. O quadro, que

mostra um jovem envergando uma armadura e acompanhado de um galgo, como é hábito nos retratos dos Habsburgos, «era até recentemente desconhecido», sendo «exibido durante séculos sob um título errado no Palácio Schönbrunn», uma residência imperial de verão em Viena.

A obra é atribuída ao pintor Alonso Sánchez Coello (1531/32-1588), nascido em Espanha, embora de origem portuguesa. Educado em Portugal por um avô que se encontrava ao serviço de D. João III, foi enviado para a Flandres a fim de estudar com Anthonis Mor (ou António Moro), um pintor sobre o qual a curadora da exposição escreveu o livro *Retrato de corte em Portugal. O Legado de António Moro* (1994).

Alonso Sánchez Coello regressa a Portugal com Moro, quando este foi encarregado por Carlos V de pintar a família real portuguesa. Esteve ao serviço do príncipe herdeiro D. João, pai de D. Sebastião, tendo passado após a morte daquele, em

1555, para o serviço de Filipe II de Espanha. Os organizadores da exposição localizam o retrato de Coello em Lisboa e datam-no de 1562, tinha então D. Sebastião 12 anos.

A exposição mostra também, segundo o *Expresso online*, dois outros quadros da mesma época, que retratam a Rua Nova dos Mercadores, da Lisboa pré-pombalina. «As duas telas foram encontradas numa casa senhorial inglesa e não estavam identificadas com Lisboa», segundo a edição em linha do semanário. Um deles é atribuído a um pintor flamengo anónimo. Fazem parte do acervo expositivo, emprestado por diversas museus e coleções privadas de Londres, Viena, Paris, Madrid, Lisboa e Berlim, sendo que muito dele é mostrado pela primeira vez, no dizer dos responsáveis pelo Museu Rietberg.

«A VIAGEM DO ELEFANTE»

«Particularmente interessante», segundo os organizadores da exposição é o facto de as esculturas de marfim mostrarem não só os motivos locais como excertos das obras de pintura e da gravura europeia. «Esses modelos importados da Europa são a prova de uma mistura única de Oriente e Ocidente, de imagens cristãs, budistas e hindus».

Foi em 1506 que os portugueses chegaram ao Ceilão, onde estabeleceram relações com o reino de Kotte, no sul da ilha, e, em resultado das ligações comerciais desenvolvidas, uma gama vasta de produtos exóticos começou a chegar à Europa.

Outro aspeto especial desta exposição são os testemunhos da emergência no Renascimento das coleções de animais vivos, precursoras dos jardins zoológicos, e em que a corte portuguesa teve um papel determinante. «A coleção de animais desconhecidos, estranhos era um componente essencial da pompa da corte. Jardins botânicos e zoológicos eram apêndices das salas de arte, fontes de diversão, entretenimento e espanto para as cortes reais. Ao mesmo tempo, eram símbolos de poder e prestígio».

Os monarcas portugueses colecionaram, imitando os príncipes indianos, elefantes vivos. Esta prática inaugurada por D. Manuel, foi continuada por D. João III e Catarina de Áustria, que ofereceu ao seu sobrinho Maximiliano II dois elefantes do Ceilão, um dos quais, Salomão, foi o primeiro a ser visto na Áustria. A sua travessia pela Europa foi tema do penúltimo romance de José Saramago, *A Viagem do Elefante*, e a iconografia que lhe diz respeito é mostrada na exposição.

Temporada Lobo Antunes em Paris

António Lobo Antunes vai ser objeto de uma homenagem e de uma evocação peculiar em França, que durará todo o 1.º semestre deste ano. As obras do escritor português, que nunca escreveu textos dramáticos, vão ser adaptadas para espetáculos de vária índole, com destaque para o teatro, que verá nove encenações dos seus livros.

«Acho que nunca houve um autor, nem mesmo francês, a quem tenha sido feita uma homenagem tão importante como esta, a este nível: seis meses, num teatro, com colóquios, recitais, peças, as coisas mais variadas, com atores franceses e alguns portugueses, muitos encenadores, muitos músicos envolvidos. É uma coisa quase inédita», assim caracteriza a iniciativa a editora de Lobo Antunes na Dom Quixote, Maria da Piedade Ferreira.

A forma predominantemente dramática escolhida para a homenagem, anunciada em Lisboa, em julho, não surpreende se tivermos em conta que tem lugar e por iniciativa da Casa da Cultura de Seine Saint-Denis, a MC93 (*Maison de Culture, 93* do código postal do departamento onde se situa, no norte de Paris, em Bobigny), criada em 1972, na melhor tradição francesa da descentralização cultural patrocinada pelo Estado e que tem o teatro como arte de eleição.

Em coprodução com as Editions Christian Bourgois, a editora francesa de Lobo Antunes (dirigida agora por Dominique Bourgois, depois da morte de Christian Bourgois, um «irmão mais velho» na expressão do escritor português) e o LG Théâtre, com o apoio da Embaixada de Portugal em Paris, da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto Camões, a MC93 decidiu dedicar a sua temporada de 2011 ao escritor português, alvo de um culto particular em França (o diretor da MC93, Patrick Sommier, fala de uma «sociedade secreta» de leitores de Lobo Antunes em França, que «se reconhece entre si»), onde 24 das suas 29 obras estão editadas.

A 25ª - *O Meu Nome é Legião* (2007) - será editada em França a 26 de janeiro, em Paris, com a presença de Lobo Antunes, altura em que o autor se associará à temporada. Na véspera do lançamento, no boulevard Lénine, onde está instalada a MC93, está previsto que Lobo Antunes participe num encontro, animado por Philippe Vannini, com leitura de extratos da sua obra pelo ator Victor de Oliveira.

Lobo Antunes, no entanto, excluiu desde o início colaborar numa homenagem que é feita com «muito prazer» para o escritor. «Não vou colaborar em nada. Façam como quiserem. [O teatro] é uma linguagem diferente, que não domino e



não conheço», declarou em julho, citado pelo *Público*.

A GUERRA

O primeiro espetáculo - *Etat Civil* - a estrear já a 14 de janeiro, tem por base as conversas do escritor com Maria Luisa Blanco, do *El País*, publicadas em livro em 2002, e à semelhança de vários outros que se lhe seguirão, foi objeto de uma adaptação e encenação, neste caso a cargo de Georges Lavaudant, um encenador que sucedeu a Patrice Chéreau no Teatro Nacional de Villeurbanne, ao lado de Roger Planchon até 1996, e que em seguida substituiu Giorgio Strehler et Lluís Pasqual no Théâtre de l'Odéon-Théâtre de l'Europe, até 2007. Lavaudant assina ainda *Fado Alexandrino*, a segunda adaptação e encenação do ciclo dedicado a Lobo Antunes, juntamente com Nicolas Bigards, que coordena toda progra-

mação e rubrica ainda a encenação do *Tratado das Paixões da Alma*.

«A obra de Lobo Antunes é densa, variada, infinita. As entradas possíveis são múltiplas», escreveu Georges Lavaudant. Para além das já referidas, da programação constam ainda obras como *Exortação aos Crocodilos*, *O Esplendor de Portugal*, *Auto dos Danados* e cenarizações dos seus livros de crónicas III e IV e das cartas de guerra dirigidas à mulher Maria José (desaparecida em 1999), nos 27 meses em que Lobo Antunes esteve em Angola, no exército, durante o conflito colonial e que marcaram decisivamente o seu universo ficcional. Sommier afirmou, em julho, citado ainda pelo *Público*, que nenhum escritor em França «teve estas palavras de emoção sobre os soldados que foram morrer na Argélia». «Esta é a verdadeira Europa, aquela em que um escritor português pode

formular o que tínhamos na cabeça e não conseguíamos formular», acrescentou. Além disso, as *Cartas da Guerra* são, no dizer de Dominique Bourgois, a editora francesa de Lobo Antunes, o «*making-of* de António como escritor». «Está lá tudo, a tomada de consciência política, a compreensão da guerra e a correspondência de amor, e (...) mostra o que ele vai ser a seguir».

Ao todo, segundo os organizadores, «de janeiro a junho de 2011, 50 noites serão dedicadas a António Lobo Antunes através de leituras (em francês, português e outras línguas ainda), instalações, *performances*, concertos e convívios. Diretores, atores, escritores, músicos, videastas, cenógrafos reuniram-se, todos motivados por uma paixão por este grande escritor». E aqueles que se juntaram são, entre muitos outros, para além de Sommier e Lavaudant, figuras como o ator

Patrick Pineau, que faz a adaptação e a encenação de *Exortação aos Crocodilos*, e escritores como Michel Deutsch, Olivier Rolin, Jake Lamar e David Lescot, que participarão em diversas sessões de leitura das obras de Lobo Antunes, intituladas *Noc-turnes Lisboaëtes*. Os espetáculos são em francês, mas Maria de Medeiros e Luis Miguel Cintra apresentarão a 17 e 18 de junho um espetáculo em português - *Que Cavalos São Aqueles Que Fazem Sombra no Mar?* -, de que são intérpretes e responsáveis pela adaptação.

«DROGA DURA»

A ambição do programa, «majestoso», na expressão de Lobo Antunes, é explicada por duas razões: «Há livros que precisam de espaço. Livros que são como uma casa assombrada, como os define António Lobo Antunes. Ora, sabemos, desde Shakespeare, pelo menos, que essa casa capaz de acolher os fantasmas não é outra senão o teatro. Porque é só no teatro (ou nesses livros assombrados) que os mortos falam, o desejo fala: o amor, a loucura, a infância, a solidão ...»

Por outro lado, a escolha de Lobo Antunes para a valência 'Teatro dos Livros...' da MC 93 é também para estes criadores e atores franceses resultado da forma comum como praticam as suas artes: «Escrever, para ele [Lobo Antunes], é uma droga dura. Como para nós o teatro». «Tentem manter tranquila apenas uma de suas frases, para não falar das suas crónicas, dos seus romances... Porque a sua surdez, hereditária, que ele não faz nenhuma tentativa para contrariar, gera um campo visual capaz de ouvir, se não o teatro». E citam Eduardo Lourenço, quando este diz que Lobo Antunes é «o escritor que corre mais riscos. E o risco é o quotidiano do teatro». Uma última razão apontada é «porque ele está vivo», mas para Dominique Bourgois «é preciso entender que a obra de António tem personagens que falam para todos e não só aos portugueses», segundo declarou numa entrevista ao DN.

Não é inédito que a companhia da MC93 se dedique a tratar textos literários, embora Patrick Sommier considere «raro que um teatro passe seis meses com um escritor que não escreveu teatro». Bourgois lembra que «já o fizeram com Dostoiévski, T. S. Eliot e Dos Passos».

A homenagem suscita a óbvia questão dos resultados de uma manipulação desta envergadura de uma obra complexa como a de Lobo Antunes. Mas Maria da Piedade Ferreira, reconhecendo a existência de riscos, diz que «tudo depende da qualidade com que forem feitas» as adaptações. «Os nomes envolvidos dão-nos toda a confiança», sublinha. «Tudo o que seja feito - leitura de textos, teatralização, textos sobre a obra dele - é uma maneira ótima de divulgar e fazer conhecer ainda melhor» a obra de Lobo de Antunes.

Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia 'História policial' vence edição de 2010

■ **Agro Negócio**, uma 'história policial', do brasileiro Marco Catalão (n. 1974), foi a obra vencedora da 4ª Edição do Prémio de Dramaturgia *António José da Silva* (2010), por decisão do júri luso-brasileiro - anunciada a 15 de dezembro -, que atribuiu também uma menção honrosa ao texto *Checoslováquia*, da autoria do português Tiago Patrício (n.1979).

O autor brasileiro sucedeu assim ao português Abel Neves, vencedor da edição de 2009, com *Jardim Suspense*. O Prémio 'António José da Silva', criado em 2006 graças a um protocolo celebrado entre o Instituto Camões, de Portugal, e a Funarte, do Brasil, em parceria com

a Direção-Geral das Artes e o Teatro Nacional D. Maria II, foi em 2008 para outro brasileiro, Fábio Mendes, com *The Cachorro Manco Show*, depois de na sua 1ª edição ter escolhido *A Minha Mulher*, de José Maria Vieira Mendes, que este ano presidiu ao júri português, também integrado por José Louro e Anabela Mendes.

A escolha das sete obras concorrentes à fase final do prémio foi feita separadamente para as obras de Portugal e Brasil por júris nacionais dos dois países, conforme estabelece o regulamento do concurso. O júri português escolheu três obras entre 30 textos concorrentes em Portugal, enquanto o júri brasileiro, constituído

por Irene Brietzke, Roberto Alvim, António Gilberto Porto Ferreira e Luís Augusto da Veiga Pessoa Reis, selecionou as restantes quatro entre 226 obras apresentadas no Brasil a concurso.

O Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia 'António José da Silva' tem o valor monetário de 15.000€. A sua atribuição implica a publicação da obra no Brasil e em Portugal, neste último caso a cargo da Leya, nos termos de um protocolo de colaboração para a edição celebrado recentemente entre o Instituto Camões e aquela editora. O texto vencedor será também representado nos dois países, numa parceria estabelecida entre a Fu-

narte, a DGA e o TNDMII.

A reunião do júri, realizada por vídeo-conferência, foi presidida este ano pelo Brasil, que usou o seu voto de qualidade para a escolha do texto vencedor.

Criado no âmbito de um protocolo de parceria entre as diversas entidades envolvidas, o prémio pretende «incentivar a escrita dramática em todos os seus géneros (teatro para adultos, teatro para a infância e juventude, etc.) e o aparecimento de novos dramaturgos de língua portuguesa, reforçando as parcerias de desenvolvimento e cooperação cultural entre Portugal e o Brasil».

Podiam concorrer textos teatrais originais de todos os géneros e para todos os públicos, «não editados e não encenados», nem «divulgados por quaisquer meios, total ou parcialmente, até à data da publicação do resultado da seleção», criados por dramaturgos brasileiros ou portugueses.

Agro Negócio

■ A peça vencedora da edição de 2010 do Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia 'António José da Silva' apresenta-se, na descrição do seu autor, Marco Catalão, como «uma investigação policial». «Um detetive é chamado para resolver um caso inusitado: uma cabeça que continua a falar mesmo depois de ter sido arrancada do corpo. Trata-se da cabeça de um grande industrial, dono de uma usina de cana-de-açúcar com milhares de trabalhadores», explica, acrescentando ainda que «outros mistérios vão surgindo ao longo da investigação, e o crime, afinal, talvez seja apenas um detalhe».

Catalão, no entanto, adverte que «não se trata de um texto convencional»: a começar pelo facto de não ter diálogos e da importância de aspetos como o «jogo entre luz e sombra», «a tessitura de cada voz», o carácter «ritualístico» de algumas cenas. Considera, contudo, que as indicações estão lá e que «o único requisito essencial para que qualquer peça 'funcione' em cena é que diretor e atores a vivam com a mesma intensidade com que ela foi escrita».

As várias vozes não dialogantes da peça, mas que se alternam e se entrecruzam, são «uma necessidade imposta pela própria natureza do texto: se há na peça uma crítica ao autoritarismo e ao abuso de poder, essa crítica não pode fazer-se através de uma escrita igualmente autoritária», considera o autor, que sublinha entre todas essas vozes «uma ausência essencial: em nenhum momento ouvimos a voz do cortador de cana, que só se insinua, mas não se apresenta claramente como uma voz autónoma».

Na peça há ainda «dados muito concretos e realistas, mas que parecem fictícios». «Por outro lado, alguns elementos ficcionais (como o assassinato) estão aí apenas para tornar a peça mais realista».

Marco Catalão «Poeta, ficcionista, dramaturgo»

■ Marco Aurélio Pinotti Catalão (n. 1974), vencedor da edição de 2010 do Prémio de Dramaturgia Luso-Brasileiro 'António José da Silva', com a peça *Agro Negócio*, é, como ele próprio admite, um dramaturgo recente. Aliás, sublinha, não se considera exatamente um 'homem de teatro', nem conhece muitos atores ou encenadores. A sua primeira obra para teatro data de 2007, quando escreveu *A última homenagem*, criada a partir de uma narrativa chinesa do século XII. Daí que este mestre em Teoria e História Literária na área de Literatura Geral e Comparada pela Universidade de Campinas, no Brasil, diga que a «ordem correta» para ser definido é «poeta, ficcionista e dramaturgo», pois até agora, as suas obras publicadas são poesia e narrativas para crianças, sendo a dramaturgia a sua faceta criativa mais recente.

Em 2008, foi contemplado no programa de bolsas para autores com obra em fase de conclusão, da Biblioteca Nacional do Brasil, com *O Cãnone Acidental*, um livro de poesia que toma por modelos poemas já clássicos da tradição luso-brasileira. Nesse mesmo ano, obteve o 1º lugar no II Concurso Nacional de Poesia 'Violeta Branca Menescal', organizado pela Prefeitura de Manaus, com *Palimpsestos*. Ainda em 2008, obteve o 1º lugar no 18º Concurso Nacional de Contos 'Luiz Vilela', com *Kenji*. Em 2009, com *No cravo e na ferradura*, obteve o 1º lugar no III Concurso Literatura Para Todos, promovido pelo Ministério da Educação brasileiro, na categoria 'Tex-



Marco Catalão

Quais são os seus dramaturgos preferidos?

Naturalmente, gosto muito de Sófocles, Shakespeare, Tchekhov, Brecht, Dürrenmatt, Pirandello, O'Neill... Entre os dramaturgos de língua portuguesa, Gil Vicente e António Ferreira foram muito importantes para a minha formação, assim como Nelson Rodrigues, Jorge Andrade e Plínio Marcos. Entre os autores contemporâneos, admiro o trabalho de Marcos Barbosa, Roberto Alvim e Marici Salomão. (...)

narrativa, do cinema, da música, da pintura, e é difícil quantificar a dimensão de cada elemento numa criação artística».

«INCORPORAÇÃO»

Escrevendo «desde que se tem como gente», Catalão explica que a incursão pela dramaturgia seja talvez «uma forma de amenizar a solidão da poesia». «O texto dramático estabelece um diálogo mais direto e mais premente com o outro, seja ele o público ou os artistas responsáveis pela encenação, diferentemente do que ocorre na poesia, em que o tempo é mais dilatado e o diálogo às vezes pode demorar milénios para se cumprir, ou não se cumprir nunca».

No entanto, admite que «o fato de ter sido selecionado para fazer parte da primeira turma do Núcleo de Dramaturgia do Sesi/British

Council, em 2008», um projeto voltado para a descoberta e desenvolvimento de novos autores teatrais brasileiros, contribuiu para que se dedicasse mais ao teatro. Como resultado, tem hoje «cinco ou seis peças guardadas à espera de que alguém queira encená-las».

Até porque, em seu entender, aquilo que distingue o dramaturgo é o facto de ele trabalhar «com o corpo e a voz». «Um texto dramático é aquele que exige uma incorporação. Eu poderia ter escrito um conto mais ou menos nos mesmos moldes desta peça, com uma narrativa sobre um assassinato e uma investigação, mas acredito que o que singulariza o texto dramático é o fato de ele trazer para a cena alguns corpos (...) e algumas vozes e não apenas alguns discursos. É isso o que dá a um texto dramático uma contundência única, que só se cumpre plenamente com a encenação».

Quanto à dificuldade de encenar o seu texto, Marco Catalão reconhece haver «textos mais 'redondos', que indicam de forma mais direta os possíveis caminhos para sua representação. Mas a dificuldade também pode ser instigante, e espero que algum diretor se sinta estimulado a levar *Agro Negócio* para o palco», diz. Uma das «grandes alegrias» que o prémio lhe traz é precisamente «saber que a peça será encenada». *Agro Negócio* foi escrito no início de 2009 também «à espera de uma oportunidade», que surgiu com o concurso para o prémio, que classifica como «o mais importante do mundo lusófono» e que diz cumprir uma «função única, ao promover um diálogo vivo e renovado entre os dois países, estimulando tanto o público quanto os autores a ampliar seus horizontes artísticos». Seja como for, a escolha do júri luso-brasileiro entre tantos textos ainda o faz sentir «um pouco perplexo».



Instituto Camões
Rua Rodrigues Sampaio, 113
1150-279 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlcarte@instituto-camoes.pt
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Mário Filipe
COLABORAÇÃO Carlos Lobato;
Ricardo Neves